

EIXO 2 - EPISTEMOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Inscrição –122 CLAG

UM OLHAR SOBRE A CIDADE E ALGUNS DOS SEUS CENÁRIOS - PERSPECTIVAS DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A METODOLOGIA DE ERVING GOFFMAN - UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA GEOGRAFIA DO COTIDIANO

Ana Helena Corrêa de Freitas Gil*

*Doutora em Geografia – Professora de Geografia do Instituto Federal do Paraná

O modo como as pessoas se apresentam frente as outras em suas relações sempre foi algo instigante as mais variadas correntes de pesquisas. Dentre elas, o interacionismo simbólico, que nos revela o cotidiano por meio de análises profundas. Cabe ao investigador nessa ótica, observar atentamente os processos sociais nas interações diretas entre os atores. A nossa leitura se deve especificamente à proposta da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman, que conduz ao reconhecimento que a cidade possa ser vista como um conjunto de palcos, nos quais as pessoas desempenham vários papéis. O presente artigo pretende desse modo, apresentar alguns resultados relativos as representações de pessoas frente a seus espaços cotidiano, tratando o mesmo como um espaço um **espaço performático**. O olhar sociológico desta abordagem é embutida na geografia cultural, que define o espaço não apenas como um todo físico, mas como um espaço de interação de pessoas que nele interagem.

Palavras-chaves: interacionismo simbólico; geografia do cotidiano; metodologia goffmaniana.

A LOOK UPON CITY AND SOME OF ITS SCENARIOS – PERSPECTIVES OF SYMBOLIC INTERACTIONISM AND METHODOLOGY OF ERVING GOFFMAN – A CONTRIBUTION TO DAILY GEOGRAPHY STUDY.

Ana Helena Corrêa de Freitas Gil *

* PhD in Geography - Paraná Federal Institute of Geography Teacher

The way people introduce themselves towards others in their social relations has always been a challenge to the most various research fields. Among them, the symbolic interactionism, which reveals to us the everyday life through profound analyses. It is the function of the researchers, considering the point of view, to observe carefully the social processes on the direct interactions of actors. Our reading is specifically due to the social-interactionism methodology of Erving Goffman that recognizes a city as valuable groups of stages in which people interpret many roles. This present article was written this way, to present some results relative to people's representation when interpreting on their daily spaces, referring to it as a performatic space. The sociological view of this approach is included in cultural geography, which defines the space not just as one physical body, but also as one space of interaction among its people.

Keywords: symbolic interaction ; everyday geography ; Goffman methodology

UN REGARD SUR LA VILLE ET QUELQUES-UNS DE SES SCÉNARIOS – PERSPECTIVES DE L'INTERACTIONNISME SYMBOLIQUE ET LA MÉTHODOLOGIE D'ERVING GOFFMAN – UNE CONTRIBUTION À L'ÉTUDE DE LA GÉOGRAPHIE DU QUOTIDIEN

Ana Helena Corrêa de Freitas Gil *

* Docteur en Géographie - Paraná Institut fédéral de professeur de géographie

La façon dont les gens se présentent face aux autres dans leurs relations a toujours été motivé de divers courants de recherche. Parmi eux, l'interactionnisme symbolique, qui nous dévoile le quotidien par le biais d'analyses approfondies. C'est à l'investigateur, dans cette optique, d'observer attentivement les processus sociaux qui entrent en jeu dans les interactions directes entre les personnes. Notre regard découle spécifiquement de la proposition de la méthodologie socio-interactionniste d'Erving Goffman, qui mène à la reconnaissance du fait que la ville peut être vue comme un groupe de scènes sur lesquelles les gens jouent plusieurs rôles. L'article présente à pour but de présenter quelques résultats des représentations des personnes dans leurs espaces au quotidien, entraînant ceux-ci comme des **espaces de performance**. Le regard sociologique de cette approche est intrinsèque à la géographie culturelle qui définit l'espace non seulement comme un tout physique, mais comme un espace d'interaction des personnes qui y interagissent.

Mots-clés : interactionnisme symbolique ; géographie du quotidien ; méthodologie goffmanienne.

INTRODUÇÃO

O “mundo banal”, ou o cotidiano, é repleto de diferentes ações que se constroem como alternativas para as pessoas que neles vivem. Portanto, tanto as relações múltiplas do indivíduo com as situações externas, como os contextos múltiplos do mundo que prefiguram as alternativas de ação das pessoas, foram durante muito tempo, vistas como lembra Lefebvre (1991, p. 36), como uma “soma de *insignificâncias* na ciência e na filosofia.” Contudo, de forma alguma são *insignificantes* na vida das pessoas, e destarte ganham sua importância social.

O termo “mundo banal” tradicionalmente expressou as cotidianidades como formas desprezadas pelas classes dirigentes e hegemônicas das sociedades (que apresentaram estas vivências cotidianas como “populares”, “proletariados”, “massificadas”), mas também na visão dos cientistas. Consequentemente foi apenas a partir da evolução de uma sociologia do cotidiano, a qual se iniciou nos anos 1950, que a questão do cotidiano ganhou maior relevância científica com autores como Lefebvre, Schutz, Garfilken, Goffman, entre outros.

Lefebvre começa a escrever sobre o cotidiano no pós-guerra em 1947, lança seus escritos sobre *Crítica sobre a vida cotidiana*, onde ele parte da relação capital-trabalho para a relação do cotidiano, chegando assim ao espaço e ao urbano. Para o autor, o cotidiano é a própria essência da vida, com riquezas e misérias, onde a sociedade de consumo acaba absorvendo as pessoas que fazem parte dela como em um intenso sistema rotatório sem fim. O cotidiano de Lefebvre é marcado pelo racionalismo, ou seja, tudo que existe tem uma causa inteligível. Em 1939, já na América, Schutz tentava definir o objeto da sociologia, o que lhe fez desenvolver estudos e projetos sobre o mundo da vida. Alguns creem que ele foi o responsável pela introdução da fenomenologia na ciência sociológica. Segundo o autor, a perpetuação da sociedade acontece devido ao partilhamento de regras, concepções, receitas e informações, o estoque de conhecimentos acumulados por todos, sendo o face-a-face de suma importância.

Garfilken, em 1949 toma o cotidiano como objeto de suas análises, estuda principalmente os homicídios inter e intra-raciais. Considerado um dos fundadores da corrente da etnometodologia, desenvolveu experiências informais no cotidiano, juntamente com seus alunos, buscava a explicação da vida social por dentro, na veracidade atribuída a premissas, onde as informações são fornecidas pelos outros.

Entre outros estudiosos do cotidiano, Erving Goffman retoma esses estudos, a partir de 1959, utilizando o conceito da teoria do teatro para retratar a importância das relações sociais no dia-a-dia.

Com o tradicionalismo e o nacionalismo do século XIX, principalmente na área de antropologia, o cotidiano é percebido como um mundo vivido das áreas rurais. Para tal, lembramos o geógrafo Paul Vidal de La Blache, onde ele cria um método para estudar a forma como cada grupo humano, por meio de suas atividades se adapta ao seu meio, o que constitui o seu modo de vida, e deixa sua marca em meio ao grupo. “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”. (LA BLACHE, 1913)¹

O Brasil também se insere nesse processo do estudo do cotidiano, isso depois do rápido crescimento urbano entre os anos 1950 e 1990. O país hoje conta com mais de 80% da população residente estatisticamente num ambiente urbano (IBGE, 2010). Por isso, na geografia social, muitos estudos do cotidiano urbano enfatizam a incidência espacial dos problemas sociais urbanos. Neles, a cidade se caracteriza socialmente por um espaço volátil e efêmero, no qual o indivíduo vivencia numa forma intensa o contraste e a rapidez de mudança entre os mais diversos contextos sociais (em casa, na família, na rua, no lugar de trabalho, nos espaços de lazer).

Aqui, o indivíduo se insere, em cada situação, numa outra estrutura espacial com diferentes relações sociais. Esta multiplicidade o força para desenvolver uma enorme competência de auto-apresentação, assim o sujeito social torna-se num duplo sentido da palavra, um ator (ou, como se fala na sociologia urbana - um agente). De acordo com Giddens (1999, p.139) “Em situações sociais, o agente é, ele próprio, uma fonte de estímulo para seu parceiro.” De um lado é a fonte de suas ações como apresentador, mas de outro participa na encenação de si mesmo em

¹ Transcrito dos *Annales De Géographie*, 22 (124): 289-299, 1913. Título do original: “*Des caractères distinctifs de la Géographie*”. Tradução de Odete Sandrini Mayer.

contextos compartilhados com outros atores. Desta maneira, o sujeito social troca muitas vezes de papéis, como um ator do teatro, metaforicamente falando.

Conseqüentemente, nossa proposição é avançar nesta discussão do cotidiano tomando como ponto de partida o sujeito, como protagonista da ação, e sua interação com as estruturas sociais, como contexto.

Tal abordagem nos levou a aplicar não apenas teorias sociológicas, as quais muitas vezes ficam mais preocupadas com as coletividades do que com os papéis individuais, mas incorporar também a competência de práticos de teatro que avaliam as ideias de teorias teatrais que resultam de uma longa tradição de reflexão sobre as complexas relações entre indivíduo (ator), sociedade (elenco) e espaço (palco), de modo a compreender as representações dos atores sociais na estruturação espacial do cotidiano.

Desse modo, escolhemos para estes fins as teorias do teatro de Constantin Stanislavski e Bertold Brecht, os quais – a nosso ver – propõem significativas contribuições para explicar as realidades sociais através do teatro, pois ambos os dramaturgos vislumbram em suas metodologias o teatro como sendo uma imitação da vida.

Parece-nos interessante, que exista uma diferença entre os dois: enquanto Stanislavski se preocupa principalmente com uma abordagem empática do indivíduo e sua situação psicológica, Brecht propõe uma abordagem crítica com um distanciamento do ator. No nosso entender, cada indivíduo é o protagonista de sua vida, ele compõe a sua trajetória a partir de suas próprias decisões e ações. E, é a partir desses dois dramaturgos, juntamente com a metodologia Goffmaniana que elaboramos a nossa teoria do espaço performático, o espaço onde os indivíduos estarão “atuando” – representando papéis, quer individualmente – pois, nunca está completamente só, pois seus pensamentos e ações acabam derivando de uma série de decisões ponderadas a partir de pensamentos também de outras pessoas. Ou quer, como no método de observação de Goffman, em pequenos grupos.

A metodologia Goffmaniana

Erving Goffman (1922-1982) foi um sociólogo canadense que desenvolveu sua teoria baseado na observação das pessoas em seus ambientes, ou seja, como

cada pessoa representa seu papel no dia-a-dia e, como cada um concebe seu papel e pretende mantê-lo na presença de outros.

A metodologia de Goffman começou a ser pensada após ele assistir uma peça de teatro onde começou a refletir que em um palco as pessoas se caracterizam e representam papéis e, que na vida cotidiana existem vários palcos onde as pessoas assumem papéis já pré-concebidos e representam como em uma peça de teatro.

A percepção de Goffman, denominada interacionista da sociedade, não só analisa as interações sociais destacando sujeitos, na grande maioria indivíduos, mas faz também uso da metáfora teatral por considerar pessoas como atores que se apresentam com suas atuações num teatro que podemos chamar “realidade”. Goffman chega nessa proposição pela observação que a integração do mundo social acontece geralmente não tanto por individualidades autônomas, mas pela apropriação de papéis por cada indivíduo. Mesmo assim, sua visão não se restringe aos papéis com funções fixas, pelo contrário, permite sempre portas abertas para o desenvolvimento de novos papéis e novas representações pelos indivíduos.

As relações entre os atores se dão pelos ritos organizados em interações cotidianas através da formação de papéis. O Eu social, que Goffman denomina, self, cria um território de papéis, um espaço pessoal, que cada um constrói, cercado sua atuação. Assim, sentar-se ao lado de outra pessoa em um banco de uma praça, ou no banco da igreja, pode ser vivenciado pelo outro como uma intromissão ao espaço dele, criando um confronto de papéis com um resultado espacial. Evidencia-se, neste caso, que a junção de tais espaços “encenados” na realidade vivida necessitam de negociações entre estes atores. Estas, podem acontecer através da obediência ou desobediência de regras ou tradições, sempre em comunicações imediatas. Quando pessoas entram na presença de outras, elas assumem papéis e são participantes do que o que Goffman (2010, p.28) acaba denominando de *ocasião social*, que ocorre em um determinado local e tempo, facilitados por equipamentos fixos, o que de certa forma possibilita um padrão de conduta como apropriado para o local, como o de uma instituição religiosa. No caso da instituição religiosa, a utilização de uma vestimenta própria pelo padre, do silêncio quando ele entra na igreja para fazer a celebração da missa, e o levantar das pessoas com sua entrada, demonstram um sinal de reverência e respeito ao que está sendo

apresentado, ele é uma pessoa como tantas outras, mas ao chegar ao altar com vestimentas próprias para celebração, ele passa a ser uma autoridade, um representante da religião preparado para executar seu papel, e os outros terão a reconhecença do papel desempenhado pelo padre, desse modo admitindo na celebração a sua autoridade.

Como ressalta Goffman (2010, p.40) se o indivíduo quiser estar na situação totalmente capacitado e socialmente aceito, será necessário um certo nível de prontidão de suas ações e forma de agir. A ideia da interação social influencia muito, até hoje, as mais diversas ciências sociais. Podemos considerar Goffman como um ícone nesses estudos. Ele faleceu em 1982, deixando um legado teórico e metodológico de inestimável importância, que foi utilizado, entre outros, na psicologia social, na psiquiatria, na sociologia, na linguística aplicada, no direito e, atualmente também na geografia.

Como a compreensão da sociedade no interacionismo simbólico tem sua base em ações, o método adotado por Goffman sempre é monográfico e empírico, ou seja, trata-se de estudos de casos em profundidade sempre de pequenos grupos. Nestes grupos, o olhar se foca em observações e interpretações de representações das pessoas. Necessita-se, como uma das principais características, a imersão do pesquisador nestas pesquisas. Neste contexto, a perspectiva interpretativa é fundamental durante a condução da pesquisa, porque deixa clara a subjetividade do pesquisador no evento da pesquisa (Kaplan & Duchon, 1988).

Trata-se, assim, de uma pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador é um interpretador participante da realidade (Bradley, 1993), se apropriando do fenômeno social como um diretor (que dirige a pesquisa) junto com seus atores, assim, reproduzindo de certa forma uma peça de teatro. Conseqüentemente, se desenvolve a compreensão profunda do contexto social e cultural através de papéis e personagens e sua configuração, um ato que acontece paralelamente à própria construção da sociedade interacionista.

Dentro desta perspectiva, Goffman abre também para a geografia um espaço teórico para o aperfeiçoamento de métodos de pesquisas qualitativas, quando parte

do pressuposto que a interação social forma a construção de significados e representações em determinados espaços.

De acordo com Gil Filho:

O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata. (GIL FILHO, 2003, p.3)

O pesquisador pode, assim, considerar ambientes como espaços sociais, onde o comportamento humano relaciona e configura grupos sociais. Neste ambiente, a co-presença física do indivíduo é uma condição fundamental para a interação, concretiza-se aqui o cotidiano.

Portanto, o interacionismo simbólico se preocupa basicamente com um conhecimento prático, analisando situações sociais, que se formam através de um acervo simbólico em palcos de atuação. Para isso é necessário identificar uma ordem estrutural das interações face-a-face. Neles, o indivíduo deve (ou não) aceitar regras, como se comunicar, fazer sua manifestação visual, ou movimentar o seu corpo. Desta maneira, segundo Goffman (1996, p.77), “o corpo possui uma simbologia comunicativa expressiva de um acontecimento e conhecimento social (postura, movimentos, atitudes...)”.

Desse modo é interessante observar que, como nos modelos do construtivismo social (Vygotsky, Piaget), a corporeidade e individualidade não permitem generalizações de comportamentos, mas apresentam-se como casos de estudo de processos de adaptação aos papéis sociais em permanente modificação. Assim, a preocupação das pessoas com modelos culturais e sua integração coletiva é sempre apenas uma escolha.

Neste momento vale a pena mencionar que outro sociólogo norte-americano, Talcott Parsons (1955), já denominava este tipo de processo de ‘*homologia*’ entre a pessoa e seu sistema social. Para Parsons, os atores internalizam valores instituídos e se controlam reciprocamente, e esse controle pode ser realizado por meio de rituais. Como Vygotsky e Piaget, Parsons também destaca a educação como um veículo cultural fundamental, onde são repassados valores.

Esta “liberdade” da ação social fez que os interacionistas da época utilizassem bastante o método científico das probabilidades. Como acharam que a comunicação nem sempre teria êxito da mesma forma, mas que uma escolha adequada dos símbolos serviria apenas o objetivo de uma interação para dar credibilidade e compreensão identificaram uma grande variedade de estratégias e representações/apresentações. Uma das estratégias principais, neste momento, é a mudança entre os diferentes palcos do cotidiano. Nestes palcos, se apresentam as encenações, onde certa convenção é “negociada” entre os indivíduos, muitas vezes para manter a estabilidade da situação, mas às vezes também para questioná-la.

Atrás dos objetivos, a metodologia goffmaniana interacionista também leva em consideração os desejos pessoais. Estes são outra forma de representação do indivíduo. Neste caso, a representação não é apenas a aparência, mas traz consigo também a intenção, a vontade. muitas vezes surgindo da personalidade profunda (do in- ou superconsciente). Esta duplicação psicológica em dois níveis de aparência e de intenção pessoal explica como cada indivíduo “compreende” e organiza a sua imagem. Por isso, a metodologia de Goffman permite uma perspectiva de representação teatral entre pessoa e personagem (GOFFMAN, 1996, p.9). E o desejo ou anseio que cria no papel uma direção, a qual não acontece apenas na interação horizontal de pessoas, mas numa linha vertical onde se exprime a individualidade desejada.

Dessa maneira, cada pessoa desempenha um papel interagindo com os outros através de comportamentos físicos e verbais, mas cria também, um papel de desejo que utiliza a aparência para convencer o outro de sua própria atuação por intenção. Por isso, quando o indivíduo está em contato com o outro está se auto-representando e se beneficiando de uma prática dramática, e assim, os resultados subjetivos da interação tornam-se uma socialização cultural. Isso acontece através da linguagem simbólica que ultrapassa os papéis de cada um dos indivíduos e reúne as pessoas individualizadas numa forma coletiva.

Este “ajustamento” comunicativo entre o individual e o coletivo ocorre de forma corporal. O corpo demonstra, por meio de sua simbologia comunicativa e sua linguagem (com posturas, atitudes – como cruzar os braços, sorrir, abaixar a cabeça – a expressão dos sentimentos dos indivíduos) cria atmosferas de interação. Assim, a ação face-a-face, corpo a corpo, se define como influência recíproca das partes.

Boudon (1974) chamaria esta situação de sistemas de interdependência, ou estruturas dos reencontros sociais, e o palco dessa interação se faz através do agrupamento de corpos, onde se reconhece as vontades, desejos e expectativas individuais que são em grande medida pelo menos, determinadas por fatores sociais.

Esse palco das interações permite que, de acordo com Berger e Luckmann (1999, p.38), “a realidade da vida cotidiana apareça já objetivada, isto é constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da “minha entrada em cena”.” Podemos falar, nesta situação, do “cenário”. Vivendo em um lugar geograficamente determinado, onde se faz uso dos objetos do cotidiano, como numa sala de jantar, num restaurante, etc. (= palco), os requisitos formam situações normativas (e assim simbólicas) que são integrados nas vivências. O cenário faz parte das teias de relações já estabelecidas. Tal realidade se apresenta como um mundo intersubjetivo, um mundo do qual participamos conjuntamente com outros homens, como comenta Berger e Luckmann (1999, p.40).

O bairro urbano como palco de encenações sociais

Em 1980 foi publicada uma obra de um padre jesuíta, doutor da Sorbonne, com o título “*L’invention du quotidien – l’art de faire*” (1997), a qual se seguiu, em 1990, outro volume “*L’invention du quotidien – Habiter, cuisiner*”. O seu nome era Michel de Certeau (1925-1986), e este pesquisador eclético (historiador, psicanalista, sociólogo, filósofo cultural) pesquisou a função das práticas sociais (ações com objetivos, com estratégias e táticas) na construção do cotidiano, usando o exemplo dos bairros *banlieue* das grandes cidades francesas com sua cultura “popular”.

De acordo com Certeau:

O bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças á proximidade,

graças à coexistência concreta em um mesmo urbano, todos esses elementos 'práticos' se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana (CERTEAU, 1997, p.40).

Essa visão de um bairro, definida pela vizinhança de pessoas como elemento social, é uma divisão territorial de uma cidade bem diferente da geografia urbana tradicional e da arquitetura, como exemplo, VILLAÇA (1929) – que trabalha com a questão do espaço intra-urbano no Brasil, e, CAMPOS FILHO,(1936) que procura em sua obra, *Reinvente seu bairro* (2003) levar o leitor a repensar os caminhos da cidade e seu planejamento

Entretanto, entre as inúmeras definições sociológicas, uma de Henri Lefebvre também conduz em nossa direção:

O bairro é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. Sem bairros, igual que sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópole, mas não há cidade. É neste nível onde o espaço e o tempo dos habitantes tomam forma e sentido no espaço urbano (LEFEBVRE, 1971, p. 195-203).

Para se conhecer a forma e o sentido de um bairro, é preciso caminhar por ele, observar o que possui, sentir a “trivialidade” cotidiana, assimilar os seus códigos para viver nele, e observar como as pessoas vivem nele. Com essa visão, cada indivíduo traça seus percursos pelo bairro, organizando-se entre o seu privado, sua moradia, e o que lhe é público.

Certeau (1997, p. 43) comenta que “sair de casa, andar pela rua, é efetuar um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares).”

Dessa maneira, o indivíduo deixa sua moradia e se torna um sujeito público. O público e o privado são sempre interdependentes, sendo que um acaba não tendo significação sem o outro. Poderíamos admitir que o bairro é o lugar paradigmático para as negociações disso. Morar em um bairro dá ao indivíduo uma característica de pertença, na qual ele constrói sua personalidade – quanto mais vive nele, menos indiferenciado torna-se este lugar na sua vida cotidiana, dando certa segurança a ele de estar no próprio território.

Com os deslocamentos da vida moderna, com os contatos interpessoais cada vez mais distantes, o bairro é um lugar de uma problemática, porque as relações sociais do cotidiano acontecem no bairro de forma mais intensa. Como um indivíduo, o qual se instala em um bairro, é obrigado a inserir-se às regras de comportamento que nele acontecem, o bairro possibilita a coexistência de parceiros que inevitavelmente farão parte do seu cotidiano, como os vizinhos.

Impossível evitá-los ao pegar o elevador do prédio, ao passar pelos becos, ao pegar o carro na garagem, ao encontrá-los na calçada ou num supermercado. Como Certeau (1997, p. 47) afirma, “a coletividade é um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual se ajusta ao processo geral do conhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro.”

Assim, o bairro consiste não só de sua infraestrutura, mas também da forma como se estrutura a vida nesta infraestrutura. Por isso, os pontos importantes como proximidade de transportes públicos, possibilidades de andar com um automóvel, ou andar a pé nas calçadas, são tão importante como os caminhos à escola, aos lugares de abastecimento, aos pequenos pontos de encontro (bar, academia, farmácia etc.).

Mas, essa infraestrutura também se define por níveis de preços, com tipos variados de comércio e de lazer, mas também no setor imobiliário, além da onipresente questão da segurança, intimamente ligada a questão do espaço privado.

Percebemos que muitas pessoas moram onde podem e, não onde realmente gostariam de morar. Outras pessoas moram num bairro pela identificação, e muitas vezes já incorporaram o bairro pelo tempo de moradia, fazendo-o o “seu bairro”, quer dizer executando uma apropriação da privacidade. E no mundo moderno, muitas vezes, esse bairro residencial é apenas uma parte de uma rede de lugares cotidianos, como Torsten Hägerstrand já demonstrou.

Nesse palco, se desenrolam as interações com suas respectivas máscaras sociais. Como o uso do espaço público é relativamente livre, as estratégias adotadas pelos moradores vão, às vezes, em direção de um distanciamento das

suas próprias identidades (como era o caso de Brecht e Goffman), ou eles procuram mais uma visão burguesa de um bairro apropriado, conforme a ideia de Stanislavski.

Conforme Goffman, as práticas no bairro supõem, assim, a utilização de máscaras sinceras ou cínicas. E a isso, servem os cenários estabelecidos no palco do bairro (a organização de uma loja, as configurações de ruas, calçadas, praças, etc).

Alguns cenários de um bairro - O bairro Alto

O Bairro Alto está localizado em uma das partes mais elevadas da cidade de Curitiba com elevações de mais de 950 metros, o que explica seu nome. Trata-se de um espigão elevado entre os Rios Atuba e Bacacheri, rios que percorrem em direção sudeste para depois, de forma reunida, desembocar no Rio Iguaçu. O bairro dispõe de um relevo bastante ondulado, devido ao grande número de córregos e riachos rios que descem aos vales dos dois principais rios. Vários desses rios dão os seus nomes às ruas, principalmente na parte setentrional do bairro, como rio Jaguaribe, Iriri, Guaporé, Juruá, Araguari, Jai, Japurá, Murici, Tietê, Pelotas, entre outros. A característica que o bairro é predominantemente residencial e tem poucos destaques urbanísticos na sua malha não é típica apenas deste bairro, mas de grandes áreas da região, e também do município. Por isso, é muito comum entre os moradores e ou trabalhadores do Bairro Alto, que as delimitações para eles não ficam muito claras, principalmente em relação com os bairros Atuba, Tarumã e Bacacheri.

Por esta razão, também foram incluídos alguns pontos fora do bairro nesta pesquisa (principalmente no Tarumã), mas que fazem parte do mapa mental dos seus moradores. Esta maleabilidade das fronteiras do bairro acontece também em partes devido as mudança costumeiras dos limites pelo poder público. Assim, por exemplo, um dos pontos pesquisados, o salão de beleza Edisvânio, se localiza na divisa dos bairros Tarumã e Bairro Alto, e seus proprietários identificam-no como pertencente ao Bairro Alto, enquanto alguns clientes identificam o salão como pertencente ao bairro Tarumã. Também, o posto de saúde denominado Posto de Saúde Higienópolis está localizado no Bairro Alto, mas mantém seu nome antigo do bairro de Higienópolis, após do desmembramento.

Para testar as nossas reflexões teóricas sobre a encenação social em palcos, escolhemos o Bairro Alto em Curitiba. Um espaço que é principalmente de moradias e assim mais caracterizado por elementos privados do que públicos.

Nesse espaço procuramos demonstrar, baseado na metodologia goffmaniana e suas implicações teatrais, como pessoas constroem suas interações no cotidiano através de encenações, posicionando-se nestes palcos com seus papéis, suas identidades, mas também com suas autenticidades ou cinismos.

A pesquisa se desenrolou principalmente durante épocas diurnas, pois o Bairro Alto apresenta alguns pontos não muito seguros e com alto índice de violência, e desse modo, a maioria dos palcos da classe média e classe média baixa, acontece durante o dia, funcionando em horário comercial. Essa característica do bairro já demonstra que existe uma diferenciação social das atividades, sendo estes da classe média e média baixa diferente da vida de um segmento da classe baixa que começa dominar o mesmo espaço mais pela noite.

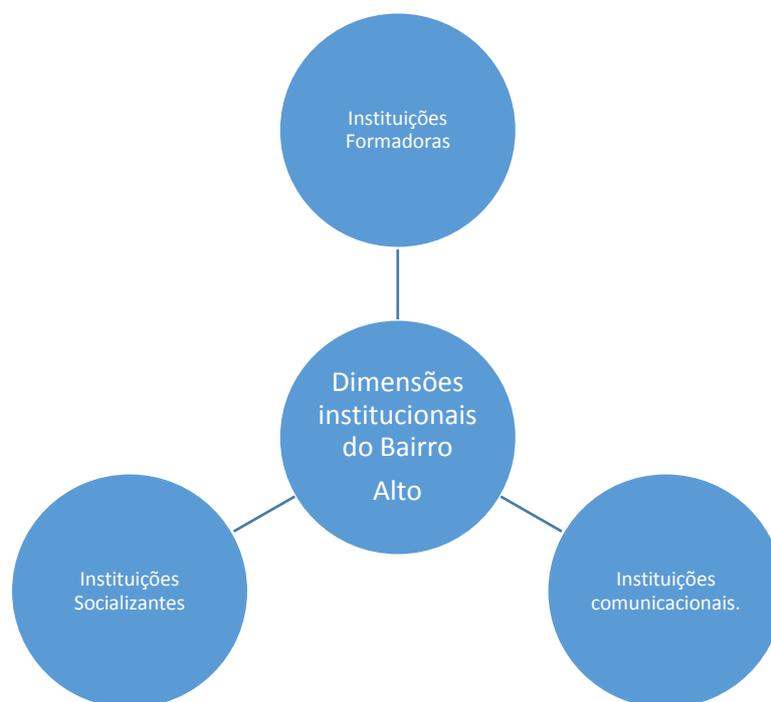


FIGURA 01 - DIMENSÕES INSTITUCIONAIS DO BAIRRO ALTO

FONTE: O AUTOR, 2011.

Um exemplo -A espacialidade social de lazer – A Academia Vit Fit, com a leitura de um espaço performático

Palco: permanente

Ajuntamento: Grupos de funcionários e grupo grande de clientes

Tipo de encenação: organizacional, comunitária e comercial.



FONTE: O AUTOR, 2011.

FIGURA 02– A ACADEMIA VIT FIT

O espaço social da academia VIT FIT encontra-se dentro de uma escola do Bairro Alto. Trata-se de um cenário cheio de aparelhos para “malhar”, um espaço

que serve para dar aos clientes ganhos esportivos e corporais, para entrar em forma, elegância, enfim um corpo definido.

Contudo, é também um espaço de relações sociais, os quais se estabelecem numa forma relativamente livre. Com um fluxo grande de pessoas, a academia funciona dentro de um colégio do bairro e assim é localizado num espaço relativamente tranquilo, mas também separado da vida pública do bairro.

A academia possui doze funcionários entre professores, estagiários e funcionários de manutenção. Suas principais modalidades são musculação, ginástica, *yoga*, *pilates*. A área mais procurada é a musculação, com disponibilidade de horário flexível. Os funcionários da academia, principalmente os professores trabalham durante anos na academia, normalmente encaixando os horários do trabalho com outros trabalhos. Os estagiários ficam no máximo dois anos, devido à lei do estágio. A academia abre às seis horas e fecha à meia noite e, recebe durante um mês cerca de 250 a 280 alunos. A principal faixa etária é de 25 a 29 anos, no entanto, essas pessoas aparecem de forma mais espontânea. Clientes regulares se encontram na faixa entre 40 e 60 anos, e querem geralmente cuidar de sua saúde. Muitas das pessoas que frequentam a academia são, na visão do proprietário, pessoas dispostas a estar bem. “*Eles chegam à academia felizes, cumprimentam os outros, comentam coisas do dia-a-dia, dão risada.*” Gera-se, desta maneira, um clima sem grandes cobranças sociais.

O diretor da academia, A., tem 28 anos e é o proprietário, é casado e formado em publicidade e propaganda. Possui a academia no bairro há seis anos, mas já era proprietário em conjunto com um sócio de outra academia no mesmo bairro. Essa possuía uma cancha de grama sintética, a qual era o ponto de destaque para atrair clientes. Depois de algum tempo, o proprietário resolveu montar a sua própria academia, cujo chamariz agora são as aulas de musculação.

O diretor é um outsider (não mora no bairro) do Bairro Alto, mas mora em um bairro limítrofe, bem perto. Entretanto, apesar de não morar no bairro, procura utilizar todos os serviços possíveis dentro do bairro, desde a compra de uma lâmpada até os mais sofisticados aparelhos. A sua moradia permite sempre a chegar à academia em caso de necessidade. Ele costuma passar muitas horas do seu dia nela, pois, como ele explica “se deixar solto parece que a coisa não vai, não dá

bons frutos, e o andamento das coisas sempre se complica.” Também frisa que sua presença pessoal é necessária para garantir certa disciplina e ordem no local. A. justifica o sucesso da academia com o seu diferencial. Diz que academias em Curitiba não faltam, mas o diferencial da sua seria o bom atendimento. Isso ele transmite para os funcionários: quando contrata alguém, analisa primeiro o perfil do candidato e, depois, já avisa “*que o importante é dar atenção aos clientes, a pessoa não vem à academia apenas pelo exercício, vem para se socializar, ter alguém para escutá-lo, então o diálogo deve ser sempre constante entre alunos e professor.*”

Assim, tenta em criar uma atmosfera social pessoal. Faz parte deste raciocínio que com preferência contrata pessoas do próprio bairro, incentivando desse modo a possibilidade local de interação. A academia tem uma rotatividade muito grande, porque se enquadra na área de lazer. Na opinião do proprietário, os clientes ainda não tem a visão “*que exercício não é lazer, mas sim uma necessidade. Quando as pessoas necessitam cortar algo o do seu orçamento, a primeira coisa que cortam são as atividades da academia*”. O que explica, para ele, a rotatividade.

“A atmosfera na academia é uma de grande visibilidade. Isso vale tanto para a relação entre o diretor e os professores, os professores e os alunos, como entre os alunos entre se. Todo isso se desenrola por uma comunicação verbal. Em nossa observação constatamos que sempre o diretor fica conversando com seus empregados e com seus clientes, que os professores por sua vez estão atentos as atividades dos alunos e, os alunos conversam bastante entre si. Alguns já se conhecem de longo tempo, outros fazem amizade ao chegar à academia. Também tem casais de namorados que utilizam este espaço como um lugar de paquera. Assim, este ambiente comunicativo cria um palco com muitas encenações. Dentro desse palco, se coordenam as atividades de esporte. Assim, os mais jovens cultuam mais o corpo, se preocupando da estética, com olhares no espelho o tempo todo (isso uma ferramenta importante em qualquer academia). Os com idade mais avançada procuram a academia por causa da saúde.

Nesse sentido, podemos falar de uma encenação autocentrada. Muitas mulheres jovens normalmente vêm maquiadas, com brincos grandes e roupas justas, enquanto os moços aparecem de shorts e camiseta justa. Para eles, as atividades são um veículo de interação social, com apresentações mútuas.

Na faixa etária um pouco mais avançada, muitas mulheres costumam usar moletom e camiseta, e os homens shorts ou calça de moletom, com camisetas mais folgadas no corpo. Esta moda indica que talvez a função da saúde é mais importante do que a apresentação a outros. Nesse ambiente, os equipamentos viram um palco específico. A decoração e os acessórios da academia são os mesmos utilizados em outras academias. Assim, existem várias bicicletas, esteiras, aparelhos, e bolas grandes. O ambiente é claro, bem arejado e limpo. Conforme Goffman “a decoração e os acessórios de um lugar onde uma representação particular é comumente feita, bem como os atores e o espetáculo geralmente ali encontrados, contribuem para fixar uma espécie de encantamento sobre ele” (GOFFMAN, 1999, p. 117).

Perguntamos justamente sobre a ambientação a algumas pessoas que frequentam a academia. As respostas foram interessantes. Assim, uma pessoa já de mais idade falou: “*Para mim o ambiente da academia é gostoso. Gosto de ver gente, conversar. Gosto de vir ver os meninos treinarem.*” (risos). Outra frequentadora relatou: “*Venho para manter a forma. Após certa idade, é preciso se cuidar mais. Gosto da segurança e do horário de funcionamento dessa academia, sem contar com o atendimento que é ótimo!*”. Mostra-se que nesta academia a sociabilidade é procurada, e para isso se criam estereótipos variados. Assim, de acordo com os desejos de cada um, se desenvolvem encenações variadas. Um pretende mostrar-se ao outro, assim um rapaz “*bombadão*” busca paqueras, a moça sozinha procura companhia, outros querem apenas passar ou preencher o tempo vago com atividades. São as mais variadas pessoas que desempenham seus papéis neste ambiente.

Além dessas relações comunitárias e de comunicação livre, acontece na academia também um ambiente de conformação. Assim, os professores são uniformizados e ao vestir-se de seu agasalho e camiseta, assumem como profissionais um papel perante seus clientes. Este lhes garante um maior alcance, tanto visual para que os alunos o vejam, como psicológico, como cita uma aluna que preferiu não ser identificada: “*fazer exercícios na academia é diferente, a gente sabe que pode contar com um profissional que entende o que precisamos.*”.

Quando o proprietário da academia resolveu instituir o uniforme aos professores, estabeleceu regras que deveriam ser seguidas por todos para que a

equipe fosse reconhecida. Mostra-se que a academia é apresentada com uma variedade de dramaturgias sócias. Existe uma dramaturgia entre os clientes e os profissionais, típica para uma instituição social de lazer comercial. Mas também observamos outra dramaturgia, essa entre alunos e professores. Neste sentido, este tipo de palco demonstra que as encenações pertencem a diferentes esferas ao mesmo tempo. Assim, o que Maffesoli comenta que “os valores estéticos nada mais são do que as condições de possibilidade de um novo vínculo social” se confirmam.

“Nesse sentido, a busca do prazer, a epifanização do corpo, a valorização do tempo livre, a preocupação com a qualidade de vida e outras formas de ‘cuidado de si’ só adquirem valor à medida que favorecem o desejo do outro, o desejo de estar com o outro” (MAFESOLI, 1995, p.57). Este estar-junto, contudo, adquire uma polivalência sendo em um momento tomado pelas relações sociais, em outro pelas relações educativas, e em mais outro momento pelas relações comerciais.

As relações variam entre empáticas, no estilo de Stanislavski, ou relações de distanciamento crítico, no estilo de Brecht; elas se confundem e ficam confusas. Por isso, a ambientação da academia cria uma atmosfera de falta de sinceridade neste ambiente de lazer. Trata-se de uma terceira dimensão, além do teatro sincero e do teatro cínico. Nesse ambiente, o indivíduo (no nosso caso o cliente) assume papéis provisórios e espontâneos, enquanto os outros indivíduos participam num ambiente sério através da relação profissional. Estas situações difusas são mediadas, mas também organizadas, por elementos de aparência.

Considerações Finais

A tese científica desta investigação é que a convivência social se apresenta em grandes partes numa teatralidade social, dentro da qual se elaboram e constroem papéis sociais e personalidades através de visibilidades (apresentações) que se configuram, no nosso caso, num espaço público urbano. Para estes fins, se aplicou a metodologia goffmaniana, uma microsociologia espacial desenvolvida no ambiente da Escola de Chicago, acrescentado por alguns elementos de teorias do teatro, principalmente de Constantin Stanislavski e Bertolt Brecht. Definiu-se, assim, o relacionamento entre espaço (como um conjunto de palcos de ação) e a sociedade (como um conjunto de atores e ações). Sugere-se, desta maneira, uma ideia relativamente nova para uma geografia social e cultural. Assim, o “espaço

performático” como um espaço relacional e social do cotidiano é o tema central dessa geografia teatral (outra área com que transita esta pesquisa), onde atores, os quais a sociologia muitas vezes denomina agentes, executam os seus papéis variados em sistemas de ação. Neste intuito, as relações sociais são definidas como totalidade vivenciada pelas rotinas e ações dos atores sociais. Demos como exemplo a observação realizada em uma academia de um bairro de classe média da cidade de Curitiba, o bairro Alto. Fizemos a sua observação e análise utilizando a metodologia goffmaniana, juntamente com as teorias de teatro.

Referências

BERGER P.L. & LUCKMANN, T., **A Construção Social da Realidade**, Tradução: F.S Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

CERTEAU, M; GIARD, L. & MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano, Arte de fazer Cozinhar**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

_____. **A Invenção do Cotidiano, Artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KAPLAN, B; DUCHON, D.. *Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study*. MIS Quarterly, v. 12, n. 4, p. 571-586 Dec. 1988

LEFEBVRE, H. (1971) “ **Barrio y vida de barrio**”. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Ediciones Península, p. 195-200, 1971.

MAFFESOLI, M.. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

_____. **Comportamentos em lugares públicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

